pam CB) ILIN

CARLOS DA SILVA ARAUJO

# NA CASA E NO HORTO BOTÂNICO DE CARLOS LINNÉ

Separata da
REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA MEDICINA
Vol. I — N.º 2
I Trimestre de 1950

pam (B) / LIN

# ARTIGOS ORIGINAIS

## NA CASA E NO HORTO BOTÂNICO DE CARLOS LINNÉ

Wellcome Library

CARLOS DA SILVA ARAUJO
Do Instituto Brasileiro de História da Medicina. Da Academia Nacional de Medicina. Da Academia Carioca de Letras. Do PEN Clube.

1949, deixando em meu coração a cicatriz imorredoura de uma grande dor, trouxe também à minha vida uma característica: seria um ano de viagens alongadas no tempo e no espaço.

Com efeito, dentro dos seus doze mêses, pisei ruas de algumas dezenas de cidades, rodei quilômetros e quilômetros por longas estradas em distantes terras. Velhas de milênios de civilização umas. Com o sabor de mundo recemcriado outras. Sulquei mares atlânticos para norte e para sul. Cruzei em rotas diferentes, em um sentido e noutro, as águas do Mar do Norte. Atravessei lagos nas lindes da Patagônia, nas formosuras da Suiça e nas vizinhanças da Escóssia. Cortei os ares por sôbre o Pampa Argentino e a Cordilheira Andina e sobrevoei as águas buliçosas da Mancha e

as campinas trabalhadas e formosas do norte da França e do sul da Inglaterra.

Sempre com aquela cuja vida à minha se atou, fazendo aos dois sêres, à semelhança da corda e da caçamba, um destino comum. Andamos a mais de 40º ao sul do Equador, comendo lagostas em Puerto Montt, no Pacífico meridional, e a mais de 60º N., saboreando outros crustáceos, com a mesma voracidade, nos fiordes de Bergen. (Tomem cuidado os camarões do Rossio). Na escala termométrica, a despeito de termos fugido com o astro-rei de um para outro verão, e com êle voltando para o terceiro consecutivo, andamos abaixo de zero centígrado, nos 20º de Fahrenheit e acima dos 100º na mesma escala.

Recolhemos assim em nossas pupilas e no arquivo de nossas saudades, velhas curiosidades para nós: lagos andinos e inglêses; terras italianas, desde os canais venezianos até as águas cerúleas do golfo napolitano; desde a magnificência dos salões do Palacio dos Doges, até às escarpas de Anacapri e a *terrazza* famosa de Sorrento; desde os fiordes escandinavos até as noites azuis de Estocolmo; desde as geleiras norueguêsas, dardejando ao sol faiscações maravilhosas, até às abóbadas vetustas de Upsala.

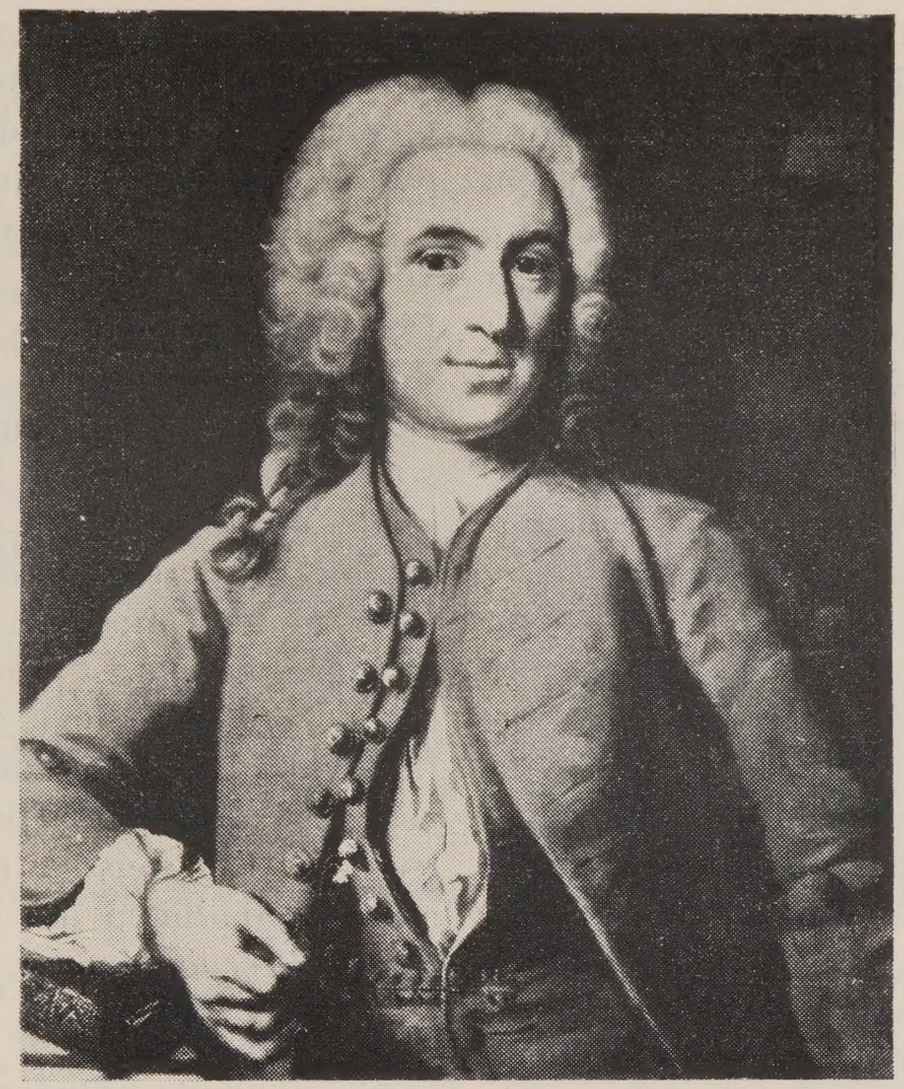
Levou-nos à Suécia velha curiosidade. A mim, particularmente, o prazer de conhecer aquêle meio em que nasceu e se formou a curiosa personalidade de Anders Regnell, o estranho dr. André, aquêle "médico esquisitão, apanhador de parasitas", que viveu na velha cidade mineira de Caldas em meiados do século passado nada menos de quatro décadas e que se tornou em sua pátria, com o dinheiro que da nossa mandou, um mecenas da botânica e da medicina.

Portanto, a minha indagação iria me levar à Upsala, a capital dos velhos reis da Suécia, a Coimbra escandinava, cheia de tradições e monumentos, da algazarra de estudantes e da voz muda das sombras históricas, que enchem de substância imponderável, inacessível ao sensório mas sedimentada na cultura, as abóbadas vetustas do seu castelo real, de sua universidade, de sua biblioteca, do seu observatório, do seu anfiteatro de anatomia, da casa de Linneu, da residência de Scheele.

Durante séculos, Upsala foi a capital sueca. A méca escandinava. Ali se reuniam de nove em nove anos, através de embaixadas vindas de todo o reino, as gentes da várias províncias para festividades religiosas e celebrações cívicas.

Foi no verão. Estavam silenciosas as ruas das vozes álacres dos estudantes. Todos em férias.

A rua principal, cortada por um rio de margens ajardinadas em



Retrato pintado por Scheffell em 1739, ano do casamento do sábio botânico e da fundação da Real Academia de Ciências de Estocolmo, de que êle foi o primeiro Presidente.

leito fundo, entre renques de árvores, lembrava a nossa Petrópolis.

Seguimos a nossa rota. Passamos às visitas.

As vozes silenciosas da história, da tradição, da poesia, do estudo, do saber e da nobreza de tantos grandes homens que ali haviam vivido, estudado e ensinado, falavam eloqüentemente à minha sensibilidade.

A catedral de linhas góticas era rica de túmulos.

Aqui, o monumento imponente de Gustavo Vasa e sua mulher. Dormia o sono eterno o grande libertador do jugo dinamarquês, o consolidador da pátria, escudado na religião que soubera impor, a igreja luterana sueca, fundador de uma dinastia.

Ali, o mausoléu de Emanuel Swedenborg, o sábio que, depois

de ter percorrido, com brilho e profundeza os mais variados territórios do saber humano, realizando obra de cientista, matemático e inventor, escrito versos em latim, feito ouvir sua voz no parlamento, voltou-se para a metafísica, para os problemas do espírito e fundou uma nova religião.

Mais adiante, há uma lápide, com estas palavras: "Carolo A. Linné — Botanicorum Principi-Amici et Discipuli — ..... DMCCXCVIII". Dorme ali o sono eterno o que foi cognominado o "Pai da Botânica": Carl von Linné; em latim, língua de sua vasta obra científica: Linnoeus; em português: Lineu. Sua biografia de todos nós, de certo, é conhecida.

Permito-me recordá-la, todavia, nesta hora, querendo, com o repeti-la, prestar homenagem nunca demasiada à sua memória e lembrar uma vida que vale por muitos títulos, inclusive como um belo exemplo de que às vêzes vale a pena viver.

Filho mais velho de um pastor severo — Nils Linné — e de Cristina Brodersonia, nasceu em 1707 em Rashult, na província suéca de Smaland.

Desejava o pai destiná-lo à ordenação religiosa. Cêdo, porém, revelara o jovem Linné invulgares pendores para as ciências naturais. Decepcionado, quiz o progenitor, para contrariar a vocação do menino, fazer dêle um operário: sapateiro ou alfaiate. Não se ageitou em tais ofícios. Foi então que o conheceu certo Dr. Rothman, um médico, que, admirando os cadernos de anotações do jovem Linné a propósito das plantas que coletava em seus passeios, pensou em fazer dêle um médico e estudioso das ciências naturais. Fê-lo inicialmente estudar o curso de filosofia. Em 1729, aos 22 anos de idade, portanto, Carl Linné ingressou na Universidade de Lund, de onde, no ano imediato, foi removido para Upsala. Falho de recursos pecuniários, teve grandes dificuldades durante dois anos, até cair nas graças do professor de teologia Olaf Celsius, que no momento trabalhava um livro sob o título *Hierobotanicon*, publicado vinte anos mais tarde. Impressionado com as coleções organizadas pelo jovem Linné e com os conhecimentos por êle revelados, Celsius hospedou-o. Deu êle então início aos seus estudos de classificação e foi distinguido pelo professor Rudbeck com um convite para dar aulas em sua cátedra, como adjunto. O jardim da Universidade foi então remodelado sob sua orientação e suprido de muitas espécies raras. Candidatou-se a um logar de jardineiro, que lhe foi negado porque já se revelara capaz de bem maiores responsabilidades.

Em 1732 foi incumbido pela Real Academia de Ciências de Upsala de fazer uma viagem de explora-

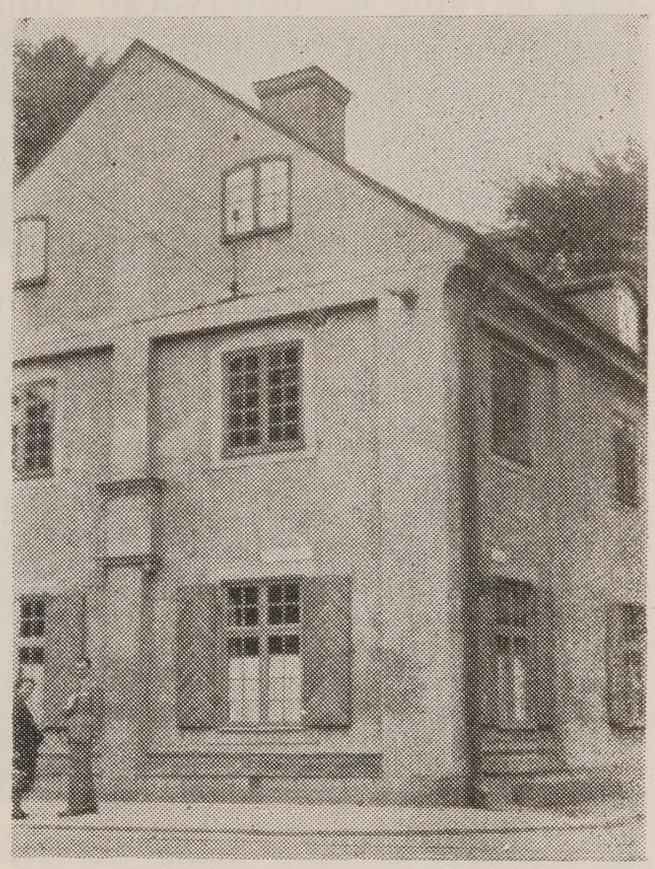
ção botânica da Lapônia, da qual resultaria a publicação cinco anos mais tarde, em 1737, da sua *Flora Lapponica*, editada em Amsterdão.

Regressando da viagem ao norte, foi contratado em Upsala, em 1733, para ensinar métodos de ensaio dos minerais (!), sendo impedido de lecionar botânica "por motivos acadêmicos".

À essa altura, o Governador da Dalecárlia convida-o a repetir no território dessa província trabalho semelhante ao que realizara na Lapônia. Aceita o convite. E durante essa viagem e diante de apreciáveis e interessadas audiências, discorre sôbre a *sciencia amabilis*.

Em 1735, a conselho de amigos, resolve ir ao estrangeiro para obter grau de doutor em medicina em uma universidade. Isso iria lhe trazer a faculdade de se estabelecer depois onde bem entendesse. Viaja para Lubeck e Hamburgo, e finalmente vai receber o grau de doutor em Harderwijk, defendendo tese sôbre as *Causas da febre intermitente*.

Permaneceu na Holanda, pátria no momento de grandes centros de estudos de medicina e de botânica, como Haarlen e Leiden. Entra em contacto com grandes homens de ciência: Gronovius; Burman, professor de botânica em Amsterdão, em cuja companhia permanece por um ano. O banqueiro Clifford, possuidor de magnífico jardim em Hartecamp, próximo de Haarlen, também o hospeda por algum tempo.



A casa de Linné, junto ao horto botânico, e onde o sábio viveu com sua família os dias gloriosos do seu magistério de Upsala e as horas penosas de sua velhice martirizada pela doença. Hoje, um museu.

Era a gestação das *Fundamenta Botânica*, obra sua de grande repercussão.

Fêz Linné boas relações com o ilustre Hermann Boerhaave, um dos maiores médicos de seu tempo, entusiasta dos ensinamentos hipocráticos, e que atraia à sua clínica e às suas lições em Leiden, clientes e alunos vindos de tôda a Europa e até do Oriente. Boerhaave fôra professor de medicina, de botânica e de química. Encare-

cera o valor da observação clínica. Fôra reitor da Universidade. Pertencia à Academia Francesa de Ciências e à *Royal Society of London*. Desde 1729, porém, declinara, pelas solicitações da clínica e por motivos de saúde, do ensino da botânica e da química. A conselho de Boerhaave e com uma carta de apresentação para outro médico famoso, Sir Hans Sloane, Linné vai à Inglaterra em 1736. Velho já, com 76 anos de idade, Sir Hans não fêz grande acolhida ao escandinavo no seu famoso jardim físico ou botânico de Chelsea, que doaria depois à Companhia dos Apotecários (*Apothecaries Company*). Em compensação foi muito bem recebido em Oxford, pelo Dr. Thomas Shaw. Entrou em contacto com os maiorais da botânica inglêsa naquele momento: Dillenius, Phillip Miller, etc. Volta depois à Holanda e dá à publicidade o *Genera Plantarum*, pedra angular por muitos considerada no edifício da sistemática botânica (1737). Publica ainda nesse ano o *Hortus Cliffortianus* e organiza, "para se divertir", segundo a própria expressão, a *Critica Botanica*, também impressa nos Países Baixos. Resolve voltar à pátria. Leiden, no caminho, ainda o prende por um ano. E' quando vem à publicidade a *Classes Plantarum* (1738). Ainda visita Paris e, apresentado por Adriano van Royen, faz dois bons amigos: Antonio e Bernardo de Jussieu. Antonio, médico em Montpellier, fôra chamado a Paris em 1709 para se incumbir da sucessão de Tournefort no *Jardin des Plantes*. Bernardo sucedera a Vaillaut na direção do Jardim Real. Ambos herborizavam frequentemente, em companhia de outros botânicos e de alunos pelos arredores de Paris. Com êles permaneceu Linné quatro meses. Com Bernardo percorreu a floresta de Fontainebleau, colhendo suas amadas plantas. Bernardo de Jussieu adotaria as idéias de Linné, expostas nos *Fragmenta*, na organização do jardim real do Trianon.

Em Ruão embarcou Linné de volta à Suécia. E ainda em 1738 abriria consultório em Estocolmo, sem êxito apreciável. Obtém então uma nomeação de médico naval. Em junho de 1739 contrai núpcias com Sara Moroea. No mesmo ano em que, com outros, fundou em Estocolmo a Academia de Ciências, de que foi o primeiro presidente. Finalmente, em 1741, foi indicado para a cadeira de medicina em Upsala, que logo depois permutaria com o respectivo titular, Olaf Rudbeck, de quem fôra adjunto, pela de botânica. Tem então eclosão o grande êxito do mestre. Enchem-se as bancadas de estudiosos vindos de todos os quadrantes para ouvir a sábia palavra. De 500, eleva-se a 1.500 o número das matrículas na velha

Vista aérea e atual do jardim de Linné. Pode ser notado o tanque central e ao fundo o corpo principal da estufa. À direita e em baixo, a casa de residência, hoje, Museu.

O jardim de Linné e as estufas, ao fundo

Universidade. A botânica desperta atenção e entusiasmo em tôdas as latitudes. A palavra de Linné vai ecoar em terras longínquas. Seguem-se as viagens e colheitas de espécies vegetais e animais. Obras de valor se sucedem: *Oländska och Gothländska Resa* (1745); *Flora Suecica* e *Fauna Suecica*, no mesmo ano; *Wästgöta Resa* (1749); *Skänska Resa* (1751).

Em 1748 organizou o famoso Hortus Upsaliensis, cuja pequena cancela transpus eu com unção religiosa, mudez e taquicardia emocionais.

A êsse horto, substituto do velho jardim da Universidade, adicionara êle nada menos do que 1.100 espécies novas.

Foi em 1750 que publicou a *Philosophia Botanica*, refundindo seus axiomas já publicados em 1735, nos *Fundamenta Botanica*.

A gota o persegue. Prende-o no leito e na cadeira de rodas. Mas não cessa de trabalhar, de ensinar.

Löfling, discípulo dedicado, toma-lhe os ditados.

Foi assim que produziu o *Species Plantarum*, publicado em Estocolmo em 1753. E foi assim que nesse ano, pela primeira vez sôbre o peito de um homem de ciência, brilhou a Estrêla Polar, a cobiçada ordem real suéca, para a qual Carl Linné foi designado.

Em 1755, Fernando VI, rei de Espanha, convida-o a vir, com farta recompensa e completa liberdade de consciência, estacionar naquele país e estudar a flora do então grande reinado. Declina do convite honroso e sedutor. Em seu lugar manda Löfling, o amado discípulo. A outros países enviou alunos, animando-os a prosseguir, a dilatar sempre, pela descrição e classificação de novas espécies, os domínios dos conhecimentos da ciência botânica, em particular, e da biologia, em geral.

Em 1761 recebe a patente de nobreza, antedatada de 1757. Com ela adota no nome a partícula característica. Passa a se assinar Carl von Linné.

Carlos, seu filho mais velho, é feito seu assistente em 1763, para que prepare um sucessor. Com efeito substituiu ao pai ilustre na cátedra universitária, mas veio a falecer em 1783.

Aos sessenta anos a memória daquele que fôra um menino precoce, um sábio na juventude, começa a claudicar. Em 1774 sofre um ataque apoplético. Dois anos depois está hemiplégico. Pràticamente inválido até o fim da nobre vida que, com efeito, vem se extinguir dois anos mais tarde: falece a 10 de janeiro de 1778.

Seu corpo foi recolhido, como o dos reis e dos maiores homens do país, à velha catedral.

Delegado do PEN Club do Brasil ao Congresso Internacional dos Pen-Clubs realizado em Veneza

em setembro p.p., tive a honra de ser recebido, com os demais delegados, pela Congregação da secular Universidade de Padua (1222), na Grande Sala.

Foi Francisco Buonafede, professor nessa Universidade, a que tanto relevo daria mais tarde Galileu com seus revolucionários estudos de astronomia, quem se insurgiu contra a maneira por que se fazia o estudo dos simples. Tal estudo não passava do comentário, mais ou menos detido, das obras de Dioscorides. Buonafede reclamou dos doges venezianos a criação de um jardim botânico, onde fossem cultivados os simples e estudado seu desenvolvimento e propriedades. Criou êle o museu de história natural e de especiárias, "que pode ser considerado", comenta Reutter de Rosemont, "como o primeiro museu de farmacognosia do mundo".

Bolonha seguiu os passos de Padua. Finalmente, teve a velha cidade de Santo Antonio o seu jardim botânico, sob a iniciativa, já então, de Antonio Cortusi, que a respeito publicou obra: *De Horto dei simplici di Padova*.

Em 1547 Pisa também já tinha seu horto botânico.

O exemplo atravessa fronteiras. Em 1577, inauguravam-se os jardins de Leyden, de Leipzig e de Heidelberg; em 1598, o de Montpellier, entregue à direção de Richer de Belleval, professor de anatomia e de botânica.

Já no século XVII, desde 1634, fazia-se no jardim botânico de Erfurt a aclimação e cultura de plantas exóticas, com o propósito de que os estudantes de medicina e de farmácia pudessem travar conhecimento com as drogas vegetais e reconhecer-lhes as propriedades terapêuticas.

Bruxellas também organizou seu jardim, em linhas semelhantes, sob a direção do farmacêutico Hermann.

Em Londres a *Society of Apothicaires* formou o seu, em Westminster, depois transferido para Chelsea, onde ainda se encontra.

Em Bale, Gaspar Bauhin pontificava na primeira metade do século XVII, em suas aulas e nos seus livros — *Pinax Theatri botanici*, etc.

Em Antuérpia, doutrinava Carlos da Eclusa.

Em meiados do século, Gastão de Orleans dava a Roberto Morison, mais tarde professor de botânica em Oxford, a incumbência de dirigir seu jardim botânico de Blois.

Luís XII instituiu em Paris em 1635, no Faubourg Saint-Victor, um *Jardin des plantes médicinales*.

A Faculdade de Medicina de Paris já em 1597 tratara com Jean

Robin, simplista do rei, a organização de um jardim de plantas medicinais.

O 1.º jardim botânico da Universidade de Upsala foi doado por Olof Rudbeck Senior, que lhe comprou o chão e fêz plantar o jardim. Isso ocorreu em 1655. A um filho dêsse doador sucedeu Carlos Linné na cátedra de medicina e botânica, em 1741.

Olof Rudbeck Senior foi também médico e descobridor dos vasos linfáticos. Foi ainda autor de um livro muito discutido, *Atland*, em que sustentava a tese de que na Suécia tivera origem a civilização atlântica.

Linné organizou o seu jardim em 1748 e foi nêle que realizou sua notável obra, até sua morte, em 1778.

Em 1787, tendo Thunberg sucedido a Linné na cátedra universitária, o rei Gustavo II doou à Universidade o jardim do Castelo Real de Upsala. Ali se fêz o novo jardim botânico.

Em 1917, constituída a Sociedade Lineana da Suécia, essa tomou a seu cargo a reorganização do velho e famoso jardim de seu patrono, que tanto atraira a Upsala gente de todo o mundo, ávida de aprender com o mestre famoso a Ciência amável. Essa restauração obedeceu à linhas traçadas por Linné mesmo, no seu *Hortus Upsaliensis* (1745). E assim, lá está êle, obediente ao famoso e fundamental "sistema sexual" de classificação das plantas do grande Linné. À direita estão as plantas anuais; à esquerda, as perenais. Ao fundo, a estufa.

No canto esquerdo e fronteiro do terreno, à direita de quem olha, está a casa que foi a residência do sábio e de sua família por 35 anos. O Govêrno Suéco restaurou-a em 1937, nela criando o Museu de Lineu. Nêle se reunem objetos de uso correntio da vida doméstica.

Como Fontenelle, o filósofo dos "Colóquios sôbre a pluralidade dos mundos", que ao uso de morangos atribuia, pelo menos parcialmente, sua sã longevidade; como a formosa e faceira Mme. Tallien, que usava, com o intuito de conservar a pele aveludada e lúzidia, banhos com êles preparados, Carlos Lineu fazia dêles largo consumo por acreditá-los de ação benéfica na gota, que tanto martirizou sua velhice.

No salão de jantar podem-se observar, como curiosidades, o vaso dos morangos, e um serviço de chá, em fina porcelana da China, decorados ambos com a *sua flor*, isto é a *Linnoea borealis*, caprifoliácea trepadeira das terras polares, com suas pequenas campanulas brancas, raiadas em vermelho. Com a mesma decoração notam-se

ainda copos em cristal, para vinho. No piso superior vivia o mestre. Foi ali que ditou, peado em seus movimentos pelo reumatismo implacável, seus últimos livros. Foi ali que doutrinou a discípulos nacionais e estrangeiros, vindos de tôda a parte. Há ainda ali uma parte de seus livros e cadernos com anotações, seu relógio de ouro, sinetes e monogramas, etc. Podem ser observados insetos e animais maiores conservados, empalhados ou imersos em líquidos conservadores. Plantas secas, com seus nomes escritos a mão pelo sábio. O diploma de médico, graduado em Harderwijk, em 1735. O *Liber Americorum*, onde se vêm os nomes de Linné e de Boerhaave na mesma página. Um caderno de notas de bôlso, usado na famosa viagem à Lapônia, em 1732. Nesse caderno anotou êle várias pequenas frases em finlandês, úteis eventualmente ao viajante que não falava correntemente o idioma finês.

De certo, muito mais rico seria êsse museu se o Govêrno Suéco o houvesse criado mais cêdo. Mas tal idéia só teve execução 160 anos depois da morte do sábio e bem mais de um século depois que a viúva houvesse vendido aos inglêses as coleções, os herbários, a biblioteca e numerosos documentos e manuscritos, cartas, etc. pertencentes ao espólio do Pai da Botânica. São hoje da propriedade da

A sepultura de Carlos von Linné — "Botanicorum Principi".

*Linnean Society of London*, que dêles cuida zelosamente. O que agora lá se vê foi reunido mais tarde, por dádivas diversas, de parentes, de amigos, de discípulos.

Da janela da biblioteca, colocada no fundo da casa, podia Linné acompanhar os trabalhos dos jardineiros e dos alunos no horto, com êles podendo se comunicar sem descer as escadas, inimigas de suas artroses.

A contribuição de discípulos de Lineu para o conhecimento da flora, e mesmo da fauna, das mais

variadas e distantes regiões do globo foi de grande porte.

Guardaram os botânicos e naturalistas suécos essa herança e tradição. Estiveram presentes em grandes viagens de exploradores das terras menos conhecidas do mundo, como Cook, Shackleton, Amundsen, Byrd, etc.

Nós mesmos sabemos a larga contribuição por êles dadas ao conhecimento melhor da flora brasileira.

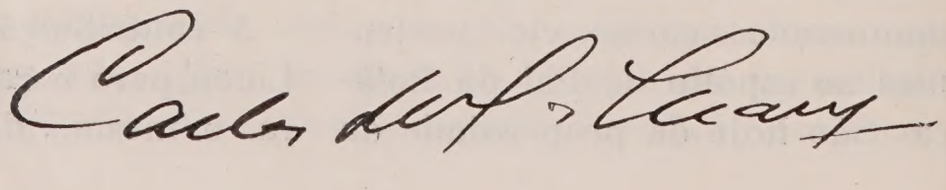
Aqui mesmo no Paraná, viveu Dusén, cujos herbários e seu valor têm sido postos em destaque por nossos estudiosos, entre os quais peço venia para destacar nosso querido Carlos Stellfeld.

Embora mais conhecido como reformador dos estudos de botânica, com seus trabalhos de classificação dos vegetais, Lineu, que era médico, teve o mérito de chamar a atenção da medicina científica para o valor terapêutico de muitas plantas de há longos anos usadas empìricamente pela medicina caseira, como a frangula, as fiores de arnica, etc.

Coube-lhe a glória de animar em todo o mundo civilizado o interêsse pelo estudo dos vegetais dentro das mais rigorosas linhas científicas e com aquêle espírito de harmonia, de disciplina e de universalidade geográfica que há de ser sempre o apanágio da ciência a pairar por cima das mesquinhezas sociais e políticas e das fronteiras nacionais.

Êle próprio bem o exprimiu nestes axiomas de sua autoria: "*Methodi naturalis fragmenta studiose inquirenda sunt. Primum et ultimum hoc in botanicis desideratum est. Natura non facit saltus. Plantae omnes utrinque affinitatem mostrant, uti territorium in mappa geografica.*

Aos dez dias de janeiro do ano de 1778, o filho do severo pastor Nils Linné, aquêle que contrariara tão fundamente os desígnios paternos não seguindo sua mesma carreira religiosa, cerrava definitivamente os olhos. Não fôra um pastor. Mas de sua vida fizera um apostolado. Viveu para o amor da *Sciencia amabilis* e do lar que constituiu. Tornou a botânica amada de muitos discípulos e seguidores. Cumpriu sua missão com pureza d'alma e paz de consciência. Por isso, fizera inscrever ao alto da porta que, em sua casa de veraneio em Hammarby, fazia a comunicação da sala de estudo e trabalho com seu dormitório: *Innocue vivito, Numen adest.*



## RESUMO

### NA CASA E NO HORTO BOTÂNICO DE CARLOS LINNÉ

O autor traça o ambiente de Upsala, a "Coimbra escandinava", célula universitária, rica de tradições, da cultura nórdica. Na catedral plurisecular, entre outros monumentos fúnebres, de reis e heróis, visitou o de Carlos Lineu, "botanicorum principi". Recorda sua biografia, a precoce e irreprimível vocação, as vicissitudes dos primeiros tempos, as viagens e contactos com os grandes sabedores da botânica no segundo quartel do século XVIII, a volta à pátria, as obras publicadas e as lições famosas de Upsala, atraindo estudiosos de todos os quadrantes. Lembra como nasceu o famoso "hortus upsalliensis". Historia a criação dos primeiros jardins botânicos, no século XVI e no seguinte. Descreve a casa onde viveu até o fim de sua vida o sábio, hoje um museu de recordações, e o jardim atual, reconstruido em 1917 sob as linhas traçadas pelo próprio Lineu (1745). Diz ter cabido a Lineu, incentivando as pesquisas e viagens, descrições e classificações, a glória de animar em todo o mundo civilizado o interêsse pelo estudo dos vegetais dentro dos moldes científicos.

## RESUMEN

### EN LA CASA Y HUERTO BOTÁNICO DE CARLOS LINNEO

El autor muestra el ambiente de Upsala, la Coimbra escandinava", célula universitária rica de tradiciones de la cultura nórdica. En la Catedral multisecular, entre otros monumentos funebres de reys y héroes visitó el autor el de Carlos Linneo, "principe de los botanicos". Recuerda su biografia, la precoz e irresistible vocación, las vicisitudes de los primeros tiempos, los viajes y contactos con los grandes conocedores de la botánica en el segundo quarto del siglo XVIII, la vuelta a la pátria, las obras publicadas y las famosas lecciones de Upsala, atrayendo a los estudiosos de todos los cuadrantes. Recuerda tambien, como nació el famoso "hortus upsalliensis". Hace historia sobre la creación de los primeros jardines botánicos en el siglo XVI y en el siguiente. Describe la casa donde vivió el sabio hasta el fin de su vida, hoy transformada en museo de recuerdo y el atual jardin, reconstruido em 1917 bajo las lineas trazadas por el proprio Linneo. Dice el autor, cupo a Linneo, por haber incentivado las pesquisas y los viajes, la gloria de haber hecho nacer en todo el mundo civilizado el interés por el estudio de los vegetables dentro de moldes científicos.

## R É S U M É

L'auteur décrit l'ambiance de Upsala, la "Coimbra Scandinave", centre universitaire, riche en traditions de la culture nordique. Il a vu, dans l'antique cathédrale, parmi les monuments funéraires des rois et des grands hommes, celui de Linné. Il rappelle la biographie du prince des botanistes, sa vocation précoce et irrésistible, ses vicissitudes, ses voyages et ses relations avec les grands botanistes du IIe quart du XVIIIe siècle, son retour dans sa patrie, ses publications et ses leçons célèbres qui attiraient de partout des étudiants à Upsala. Il raconte comment naquit le fameux "Hortus upsalliensis" et rappelle l'histoire des premiers jardins botaniques, au XVIe et au XVIIe siècle. Il décrit la maison où Linné vécut jusqu'à sa mort, aujourd'hui transformée en un musée, et le jardin actuel, reconstitué en 1917 d'après les propres données de Linné (17.5). Il termine en montrant que c'est à Linné que revient la gloire d'voir éveillé l'intérêt de tout le monde civilisé pour l'étude scientifique du règne végétal.

## SUMMARY

### IN CHARLES LINNE'S HOME AND BOTANICAL GARDEN

The author outlines the ambient of Upsala, the "Scandinavian Coimbra", universitary cell of Northern culture, rich in traditions. He visited, in the plurisecular cathedral, among other funebrial monuments, of kings and heroes, the monument of Charles Linné, "botanicorum principis". He reminds his biography, the precocious and irrepressible vocation, the vicissitudes of the early times, the voyages and contacts with the great connoisseurs of botany in the second quarter of the XVIIIth century, the return to his mother country, the published works and the famous lectures in Upsala, attracting scholars from all the world. He reminds how was originated the famous "hortus upsaliensis". He relates the creation of the first botanical gardens, in the XVIth and tury. He describes the house where the sage lived till the end of his life, to-day a museum of remembrances, and the actual garden, re-constructed in 1917 in the lines traced out by Linné himself (1745). He says that it was due to Linné stimulating the researches and voyages, descriptions and classifications, the glory of animating in the whole civilized world, the interest for the study of the vegetals within the scientific framework.



## ZUSAMMENFASSUNG

### CARL VON LINNÉ: SEIN HAUS UND SEIN BOTANISCHER GARTEN.

Verfasser gibt ein Bild vom geistigen Schaffen in Upsala, dem "skandinavischen Coimbra", dessen ehrwuerdige Universitaets-Tradition von nordischer Kultur zeugt. In der Jahrhunderte alten Kathedrale fand der Verfasser die Graeber von Koenigen und Helden und besuchte auch das Grab von Carl von Linné, dem Princeps unter den Botanikern. Er geht auf sein Leben ein, insbesondere auf seine fruehzeitige und unwiderstehliche Neigung, erwaehnt die Schwierigkeiten, die es zunaechst zu ueberwinden galt, gibt ein Bild von den Reisen und Begegnungen Linné's mit den Grossen seines Faches und seiner Zeit (in der ersten Haelfte des 18. Jahrhundert), beschreibt seine Rueckkehr in die Heimat, nennt seine Schriften und beruehmten Vorlesungen and der Universitaet von Upsala, welche Schueler aus der ganzen Welt anzogen. Verfasser stellt dar, wie es zur Gruendung des beruehmten "hortus upsalliensis" kam und geht auf die Gruendung der ersten botanischen Gaerten im 16. und 17. Jahrhundert ein. Er gibt eine Beschreibung des Hauses, in dem Linné bis zum Ende seines Lebens wohnte und wirkte, das heute zu einem Museum umgewandelt iht, voll von Erinnerungen, erwaehnt den heute bestehenden Garten, welcher 1917 wieder so hergestellt ist, wie er 1745 von Linné selbst angelegt war. Der Verfasser fuehrt aus, das Linné das Verdienst zukam, durch seine Forschungen und Reisen, durch seine Beschreibungen und die Aufstellung seines Systems in der ganzen zivilisierten Welt das Interesse fuer das Studium der Botanik auf wissenschaftlicher Grundlage angeregt zu haben.


* * *

REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA MEDICINA
Direção
DR. IVOLINO DE VASCONCELLOS
Rua México, 164 - 2.º Andar
Rio de Janeiro, D. F.
Brasil